

Direito à Cidade e Emancipação através da Cultura: Os papéis da cultura no Morro da Mangueira

ROBSON MARTINS*

VITÓRIA DAL-RI PAGANI**

Resumo: A cultura tem função ímpar na construção de uma metrópole resiliente, inclusiva e sustentável, de modo a efetivar o real direito à cidade. Consoante Libânio (2019) a cultura desvela quatro importantes papéis: capital cultural, capital social, agência e resiliência. Este artigo tem por objetivo analisar em um caso concreto na cidade do Rio de Janeiro os papéis da cultura. O objeto de estudo selecionado foi o Morro da Mangueira onde o espaço territorial e cultural se confundem. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental, por meio da análise de documentos legais e artigos científicos. Encontrou-se que o samba/carnaval e a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira são uma importante fonte de recurso para comunidade, ensejadores de seu desenvolvimento socioeconômico e formadores de sua identidade. Ainda, são responsáveis por constituir laços de solidariedade, compartilhamento e pertencimento entre os moradores do morro, bem como constituem diálogo e aproximação entre

* Pós-Doutorando pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Doutor em Sistema Constitucional de Garantia de Direitos pela Instituição Toledo de Ensino. Mestre em Direito pela Universidade Paranaense. Professor universitário. Procurador da República. Pesquisador em direito da cidade e políticas públicas urbanas.

| Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7147653520330172>

| ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4275-0910>

** Doutoranda em Direito da Cidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tabeliã de Protesto e Oficiala de Registro de Títulos e Documentos e Civil das Pessoas Jurídicas da Comarca de Ervália-MG. Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Direito Civil e Direito Notarial e Registral (2016). Pós graduanda em Processo Civil. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014), com período sanduíche na Università degli Studi di Padova (UNIPD), Itália.

| Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4342670792234931>

| ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7861-0840>

diferentes setores da sociedade. Ademais, a Escola de Samba é promotora de inúmeros projetos sociais capazes de efetivar os direitos sociais da comunidade e o próprio samba é o porta-voz do convívio e lutas dos moradores para acesso às oportunidades da cidade. Assim, conclui-se, em última categoria de análise, que o samba/carnaval/Escola de Samba são responsáveis pela construção de uma cidade resiliente, inclusiva e sustentável. Restou claro o poder emancipador da cultura, ao modificar os sonhos e futuros no Morro da Mangueira, além de conferir espaço de voz, reconhecimento, recursos, laços de solidariedade, agência e resiliência. Este estudo contribuiu ao reiterar a importância do incentivo à cultura em toda sua diversidade para efetivação do Direito à Cidade.

Palavras-Chave: Papéis da cultura; Direito à Cidade; Morro da Mangueira.

Abstract: Culture plays a unique role in the construction of a resilient, inclusive, and sustainable metropolis, thereby realizing the real right to the city. According to Libânio (2019), culture reveals four important roles: cultural capital, social capital, agency, and resilience. This article aims to analyze, in a specific case in the city of Rio de Janeiro, the roles of culture. The selected object of study was Morro da Mangueira, where territorial and cultural space intertwine. The methodology used was bibliographic and documentary research, through the analysis of legal documents and scientific articles. It was found that samba/carnival and the Estação Primeira de Mangueira Samba School are significant sources of resources for the community, fostering its socio-economic development and shaping its identity. Furthermore, they are responsible for building bonds of solidarity, sharing, and belonging among the hill's residents, as well as facilitating dialogue and engagement between different sectors of society. Moreover, the Samba School promotes numerous social projects capable of realizing the community's social rights, and samba itself serves as the spokesperson for the hill's residents' coexistence and struggles for access to the city's opportunities. Thus, it is concluded, in the final category of analysis, that samba/carnival/Samba School are responsible for the construction of a resilient, inclusive, and sustainable city. The emancipatory power of culture is evident in its ability to alter dreams and futures in Morro da Mangueira, providing a space for voice, recognition, resources, bonds of solidarity, agency, and resilience. This study contributed by

reaffirming the importance of promoting culture in all its diversity for the realization of the Right to the City.

Keywords: Roles of culture; Right to the City; Morro da Mangueira.

Enviado em 11 de junho de 2023 e aceito em 14 de dezembro de 2023.



1. Introdução

A disciplina legal das regiões metropolitanas é tarefa das mais árduas posta ao ordenamento jurídico brasileiro desde o surgimento desse fenômeno urbano.

A cultura popular possui papel de destaque na efetivação do direito à cidade. Segundo Libânio (2019), ela desempenha, *a priori*, quatro papéis: capital cultural, capital social, agência e resiliência.

Pois bem. Com o escopo de aprofundar a temática e aplicar esses conceitos a um caso concreto na cidade do Rio de Janeiro, este trabalho tem por objetivo analisar a realidade do Morro da Mangueira, para evidenciar toda potência que a cultura tem em modificar as relações dentro e fora da comunidade, enquanto capital cultural, capital social, agência e resiliência, proporcionando uma remodelação da urbe.

Buscamos apreender a realidade da cidade, sob a ótica cultural, vista na obra de Libânio (2019) com o diálogo do samba e carnaval do Morro e Escola de Samba da Mangueira.

Para isso, fez-se uma extensa pesquisa bibliográfica com o fim de realizar uma síntese teórica das obras acadêmicas que

debatassem sobre a temática e categorizá-las nos papéis da cultura propostos.

Após análise dos textos que traziam como temática a cultura e o Morro da Mangueira, conseguimos verificar que nesse ambiente a cultura se manifesta nas categorias enunciadas por Libânio (2019) e que ela permite que a comunidade local consiga apropriar-se das oportunidades que a cidade oferece, efetivando, assim, o acesso à cidade e o direito à cidade.

A cultura possui papel emancipador que, além de gerar o sentimento de pertencimento a uma realidade social, possibilita que uma comunidade tenha potência para modificar seu destino. Nossa contribuição neste estudo foi evidenciar como as manifestações culturais na prática possibilitam o acesso à urbe, em especial à cidade do Rio de Janeiro, em que membros da comunidade do Morro da Mangueira conseguiram incluir-se dentro da cidade.

A Mangueira mostrou-se como cenário, onde laços de solidariedade, ações políticas, resiliência e resistência são fomentados pela cultura. Desse modo, nosso campo social é referência de um território que resiste à massificação e violência.

Mangueira, favela e escola se confundem. O morro encarna a escola, de modo que as relações e interações na comunidade refletem sua energia, o que o torna um território cultural de todos os matizes.

Deveras, verificamos que, no combate aos problemas da cidade, o incentivo à cultura deve estar no ápice das prioridades das políticas públicas e, com o incentivo à cultura, no caso o samba, o Carnaval e seus projetos sociais, combate-se a violência, desigualdades, evasão escolar, exclusão social, dentre tantos outros, o que permite a formação de uma cidade resiliente e sustentável, trazendo paz social.

Ressalta-se, entretanto, que todas as manifestações culturais devem ser fomentadas em nosso país, em toda a sua diversidade, pois é a partir delas que conseguimos protagonismo, voz e emancipação.

2. Cultura Popular no âmbito da Cidade

O termo Direito à Cidade foi cunhado por Lefebvre (1967) em sua obra *droit à la ville*, o qual definiu como um direito de não exclusão da sociedade urbana das qualidades, oportunidades e benefícios da urbe, contemplando temas como segregação urbana e o afastamento social.

Não se pode olvidar que uma característica comum de quase todas as cidades – independentemente da localização, economia e grau de desenvolvimento – é que as pessoas que ainda utilizam o espaço da cidade em grande número são cada vez mais maltratadas. Espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidentes e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes na maioria das cidades do mundo (Gehl, 2015, p. 3).

De tal modo, somente é possível falar em direito à cidade, quando a polarização entre favela e asfalto for extinta, vez que a favela não pode ser entendida como uma não cidade, mas sim refletir um local de bem-estar e dignidade (Oliveira, 2005, *apud* Passos, 2008).

Acrescenta Libânio (2019), ao citar o documento *Cidade para Todos*, que Direito à Cidade se refere a um habitat que fomente e facilite as interações e coesão social, aprofundando o sentimento de pertencimento à cidade e de nela viver de forma digna.

Importante salientar que o direito à cidade inclui o direito à participação dos cidadãos nas decisões que afetam a vida urbana, o direito à informação e o direito à transparência nas políticas públicas urbanas, especialmente pelo administrador público, sendo discricionário apenas o modo de realizar tal política pública (Martins, 2023, p. 113).

Dentro da perspectiva do direito à cidade, verificam-se diversas dimensões que são a ela inerentes, dentre elas, segundo Libânio (2019):

- a) econômica (trabalho, renda, reprodução da vida e inserção no mercado como produtor ou consumidor); b) espacial / territorial (serviços urbanos, infraestrutura, localização da moradia, deslocamentos, mobilidade e condições de habitabilidade em geral); c) cultural (educação, informação, fruição e produção cultural e acesso ao conhecimento); d) simbólica (identidade, identificação, aceitação e pertencimento a determinado grupo ou território; barreiras e preconceitos simbólicos, apropriação do espaço e possibilidade de uma efetiva vida coletiva na cidade); e) política (direitos de cidadania, capacidade de influenciar decisões e de construir as formas de viver coletivamente; empoderamento e

participação nas esferas decisórias); e f) relacional (capital social, formação de redes individuais, pessoais, sociais, de relações, diversas).

Dentre as dimensões da cidade, o que nos interessa neste estudo é a cultura. Sua manifestação no território urbano ocorre de múltiplas formas e, na contemporaneidade, assume proporções cada vez mais complexas (Barbosa, 2017).

Leciona Santos (2007) que o papel da cultura no meio urbano passou a ser reconhecido na medida em que as cidades foram crescendo e com elas os problemas econômicos, sociais e ambientais.

O deslocamento da população carioca em direção às favelas e subúrbios, em decorrência do crescimento da urbe, fez com que surgissem manifestações culturais populares próprias daquele território (Santos, 2010).

Vislumbra-se que a cultura popular tem total relação com o território em que se desenvolve, sendo perpassada de geração em geração e frequentemente recriada pela comunidade em que está inserida (UNESCO, 2003), o que faz com que se desenvolvam vínculos com aquele meio e se crie sentimento de pertencimento e identidade.

Nas comunidades, mesmo sem financiamento e incentivos governamentais voltados à cultura, suas vivências e interações possibilitaram o surgimento de novas expressões culturais (Santos, 2010), que, por conseguinte, deram evidências a novos sujeitos políticos que trouxeram ao debate demandas de moradores dos subúrbios e periferias, na luta pela efetivação de direitos sociais e afirmação de suas produções culturais (Nascimento, 2011).

Em que pese muitas vezes possuírem o estigma de violência e vinculação com facções criminosas, as comunidades possuem uma riqueza de expressão estética e cultural. A cultura é vivenciada por cada membro, por meio de ações, memórias, valores e projetos de vida (Barbosa, 2017).

Continua o autor, “[...] as favelas se inscrevem na cidade como uma potência da liberdade do tornar-se, do buscar ser algo que ainda não se é, de um presente atualizado a cada posicionamento em que deliberamos sobre nossas vidas, sobre nossos atos e sobre a qualidade social de nossos encontros na cidade” (Barbosa, 2017, p.118).

Desse modo, a cultura mostra-se como catalisadora nos processos de reestruturação da área urbana (Santos, 2007) ao conferir agência aos membros das periferias, o que permite enfrentar a própria segregação socioespacial (Libânio, 2019).

Segundo a autora, a cultura possui inúmeros papéis, desvelando-se como “ferramenta, veículo e processo” para a mudança das relações sociais e posição das classes populares no espaço da cidade, ao conferir formas de expressão e ação (agência).

Nessa perspectiva, das múltiplas formas em que a cultura se manifesta, Libânio (2019) identificou quatro importantes papéis, *a priori*, podendo ir muito além, dentre eles: capital cultural, capital social, agência e resiliência.

Primeiramente, como capital cultural, em sua perspectiva individual, a cultura tem o poder de levantar a autoestima e o autorreconhecimento do indivíduo, ao conferir-lhe recursos financeiros e viabilizar o seu acesso às oportunidades da cidade.

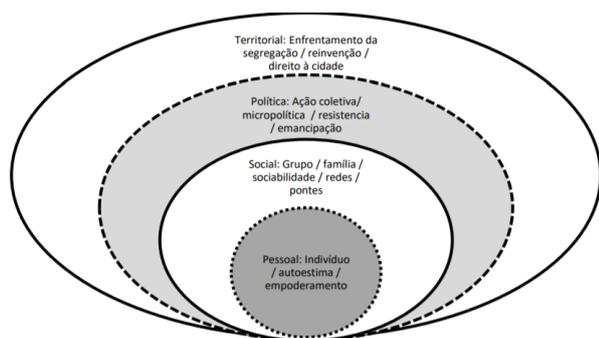
Por sua vez, como capital social, a cultura permite a interrelação de membros de uma mesma comunidade, ao construir laços, vínculos entre eles, ou, ainda, entre classes diversas, ao proporcionar o convívio e diálogo com as diferenças e, por conseguinte, sua união ou, ao menos, aceitação. De tal forma, as transformações ultrapassam os indivíduos e atingem todo o grupo social.

Quando entendida como agência, a cultura contribui para ação coletiva, o fazer política, e substitui, por vezes, organizações como associações de moradores ou sindicatos, o que viabiliza o seu reposicionamento na cidade.

Por fim, como resiliência, a cultura permite a construção de uma cidade sustentável que saiba lidar com as diferenças e que as valorize, além de reagir positivamente no combate dos problemas sociais como desemprego e criminalidade. Destarte, é possível que, de fato, se enfrente a segregação socioespacial e reduza as vulnerabilidades, ao fortalecer os agentes culturais que, enfim, podem intervir em seu próprio destino, o que viabiliza sua emancipação e reduz as distâncias sociais dentro da cidade.

Podemos sintetizar esses papéis da cultura feitos por Libânio (2019) com a figura abaixo:

Figura 1: Papéis da Cultura na Cidade



Fonte: Libânio, 2019.

Nesse viés, as inúmeras manifestações culturais podem ser percebidas como resistência e resiliência. A periferia, por intermédio da cultura local, tem o poder de reinventar a cidade, ao mostrar formas diversas de conviver e usar plenamente o espaço público (Libânio, 2019).

Os projetos culturais contribuem, assim, para emancipação de populações das periferias e permitem que elas reivindicuem seu espaço na cidade ao enfrentar a segregação socioespacial e buscar por novas oportunidades (Libânio, 2019). Verifica-se, então, a transversalidade da cultura ressignificando o tecido público urbano (Rocha, 2012).

3. Morro e Escola de Samba da Mangueira

De fato, não se pode falar de cultura e seu poder emancipatório sem falar de carnaval e samba e, por conseguinte, da Mangueira, morro e Escola, por isso, objeto deste estudo.

O Morro da Mangueira é localizado na Região Administrativa VII, Bairro Imperial (Santos, 2015), na região central da cidade do Rio de Janeiro (Vaz de Macedo, Andrade, 2015).

A história da ocupação do Morro da Mangueira remonta ao século XIX, realizada por ex-escravos e famílias expulsas dos cortiços do centro (História..., 2017), sendo o terceiro morro habitado mais antigo da cidade do Rio de Janeiro, precedido pelos morros da Providência e Santo Antônio (Vaz de Macedo, Andrade, 2015).

Geograficamente, o morro é dividido em núcleos com características próprias, denominados, “Morro dos Telégrafos, Candelária, Pindura Saia, Santo Antônio, Chalé, Faria, Tingo-Tingo, Buraco Quente,

Curva da Cobra, Pedra, Joaquina, RedIndian”, dentre outros (Vaz de Macedo, Andrade, 2015, p. 262).

A comunidade, então, formada por filhos e netos de ex-escravos, possui total identificação com suas manifestações culturais e religiosas. As crenças e tradições africanas sofreram influências de indígenas e brancos, em verdadeiro sincretismo de que resulta o povo brasileiro (História..., 2017).

As tradições, batuques, cantos, jongs (Passos, 2008) e samba, com todos os seus desdobramentos (partido-alto, samba de terreiro, etc.) (Santos, 2015) formaram a identidade daquela comunidade carioca. A religião, candomblé e umbanda, também influenciou as formas de agir, o que tornava os barracões em templos (História..., 2017).

Antes mesmo do reconhecimento do carnaval como valor nacional, entre os anos de 1910 e 1913, a Mangueira já se despontava como pioneira, com dois importantes grupos de cordões¹, ranchos² (Passos, 2008) e, mais tarde, com os seus próprios blocos³, já que não podiam participar dos desfiles de Carnaval dos brancos (História..., 2017).

Entretanto, os principais sambistas desse reduto do samba bebiam, falavam palavrões, se metiam em inúmeras brigas, de modo que sequer podiam participar do carnaval do próprio morro (História..., 2017), criando, então, seu bloco, o Bloco dos Arengueiros, unindo aqueles que gostavam tanto de briga quanto do samba (Passos, 2008), os quais foram presos por cinco anos (História..., 2017).

Em 1928, todos os blocos do Morro da Mangueira decidiram se unir para desfilar na Praça Onze e juntos⁴ fundaram o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, sendo uma das Escolas de Samba mais antigas. Seu primeiro presidente foi o Sr. Saturnino Gonçalves, e suas cores, verde e rosa, conforme sugestão de Cartola, sambista reconhecido na comunidade e fora dela (História..., 2017).

Deixando para trás sua imagem negativa, passaram a se fixar como “talento para o samba” (Passos, 2008, p. 33) e organizaram, além dos desfiles de carnaval, um local de sociabilização da comunidade e cidade (Vaz de Macedo, Andrade, 2015), de modo que a escola abriu espaço para participação de diversos setores sociais (Passos, 2008).

O nome Estação Primeira de Mangueira refere-se ao fato de no morro localizar-se na primeira parada de trem, de origem na Estação Dom Pedro, indo em direção ao subúrbio (História..., 2017).

A escola ganhou especial prestígio assim que o samba deixou de ser repreendido por policiais e membros da alta sociedade, em especial, por intermédio do rádio, que permitiu que o samba chegasse ao asfalto (Vaz de Macedo, Andrade, 2015).

Entretanto, somente em 1972, a Escola conseguiu construir sua quadra atual, o denominado ‘Palácio do Samba’, saindo de sua precária sede no Buraco Quente (Vaz de Macêdo, Andrade, 2015).

Até a presente data (2021), a Escola ganhou 17 (dezessete) vezes⁵, tendo o título

¹¹ “Guerreiros da Montanha”, com sede da casa da Tia Chiquinha Portuguesa, e “Trunfos da Mangueira”, sediado na casa de Leopoldo da Santinha, ambos moradores do Buraco Quente (VAZ DE MACÊDO, ANDRADE, 2015).

² “Pingo do Amor”, “Príncipe das Matas” e “Pérolas do Egitó”,

³ “Bloco da Tia Fé”, “Bloco da Tia Tomásia” e “Bloco do Mestre Candinho”

⁴ Angenor de Oliveira (Cartola), Saturnino Gonçalves (Seu Saturnino), Abelardo da Bolinha, Carlos Moreira de Castro (Carlos Cachaça), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Euclides Roberto dos Santos (Seu Euclides), Marcelino José Claudino (Seu Maçu) e Pedro Paquetá.

⁵ 1932 – Sorrindo e A Floresta; 1933 – Uma Segunda Feira no Bonfim da Bahia; 1934 – Divina Dama / República da Orgia;

de supercampeã, pois, em 1984, na inauguração do Sambódromo, venceu o Supercampeonato. Ademais, por seu grande prestígio dentro da comunidade carioca e fora dela, ganhou status de 'Nação' (A Ousadia..., 2020).

Por intermédio da Escola de Samba, projetos sociais desenvolveram-se na comunidade, sendo a cultura, mais especificamente, o samba, o agente agregador destes projetos (Costa, 2003).

A comunidade tornou-se conhecida por sua Escola de Samba, considerada patrimônio cultural e "berço de alguns poetas mais geniais da música brasileira" (Costa, 2003, p. 158).

Na sequência, evidenciaremos os essenciais papéis desta importante manifestação cultural na comunidade da Mangueira.

4. Papéis da Cultura no Morro da Mangueira

4.1. Capital Cultural

A primeira categoria de análise definida por Libânio (2019) refere-se ao papel da cultura no âmbito individual como recurso, autoestima e autorreconhecimento.

Assim, primeiramente como recurso (capital cultural), a Escola de Samba viabiliza a aferição de renda e emprego não apenas

para os membros ligados ao desfile, mas para os moradores da comunidade como um todo.

Ela proporciona a criação de gestores e empreendedores culturais, ao fomentar a economia criativa da comunidade da Mangueira, em especial nas áreas da moda e gastronomia (CONFIRA..., 2017).

Sobre o tema, lecionam Ornel e Henning (2020, p. 16205) que:

As escolas também garantem emprego e renda para diversas pessoas, especialmente para os moradores. Além de costureiras, ritmistas e designers diretamente envolvidos no Carnaval, a cadeia produtiva também envolve os setores de transporte, hospedagem, alimentação, bebida, instrumentos musicais, entretenimento e serviços gráficos, fonográficos e de mídia.

Nesse fulcro, a cultura mostra-se como importante fator de desenvolvimento socioeconômico, não apenas em âmbito individual, mas para toda a comunidade.

Ademais, os ensaios no 'Palácio do Samba', além de financiar o próprio Carnaval, dão renda direta a diversos integrantes da Escola.

Aliado a isso, a comunidade recebe auxílio financeiro direto de empresas, de entidades com e sem fins lucrativos e do governo, tudo em razão da Escola.

Tais contribuições auxiliam projetos sociais que visam ao desenvolvimento pessoal e profissional dos membros na comunidade, a fim de conferir-lhes renda e emancipação.

Uma importante entidade é o Centro Cultural Cartola - CCC (Confira..., 2017), também denominado de Museu do Samba, que é uma organização não governamental (ONG) e tem por finalidade o desenvolvimento social, cultural e educacional dos jovens locais (Fernandes, 2012).

1940 - Prantos, Pretos e Poetas; 1949 - Apologia ao Mestre; 1950 - Plano Salte - Saúde, Lavoura, Transporte e Educação; 1954 - Rio de Janeiro de Ontem e Hoje; 1967 - O Mundo Encantado de Monteiro Lobato; 1968 - Samba, Festa de um Povo; 1973 - Lendas do Abaeté; 1984 - Yes, Nós temos Braguinha; 1986 - Caymmi Mostra ao Mundo o que a Bahia e a Mangueira Têm; 1987 - O Reino das Palavras; 1998 - Chico Buarque da Mangueira; 2002 - Brazil com "Z" é pra Cabra da Peste, Brasil com "S" é Nação do Nordeste; 2016 - Maria Bethânia: A menina dos olhos de Oyá; 2019 - História pra Ninar Gente Grande.

Essa organização cultural sem fins lucrativos visa à valorização da cultura do samba em todas as suas mais diversas manifestações (Fernandes, 2012).

Foi constatado na prática que as ações desenvolvidas no CCC abriram horizontes para crianças da comunidade, por meio das aulas de violino, que, além de gerar renda para elas, fez com que sua autoestima fosse reforçada, desvelando um mundo de oportunidades.

No âmbito individual, podemos acrescentar aos ensinamentos de Libânio (2019) que, mais que autoestima e autorreconhecimento por meio de recursos, a Cultura permitiu que se desenvolvesse sentimento de pertencimento, potência, expansão e protagonismo, indo muito além de valor patrimonial, ao criar a própria identidade do sujeito.

Iniciativas como o CCC acabaram por melhorar as condições de vida e bem-estar de cada indivíduo que participou de seus projetos, expandindo tais predicados para sociedade como um todo, ao proporcionar uma análise social crítica, baseada na ética e atitudes afirmativas (Vaz de Macêdo, Andrade, 2015).

As autoras reforçam que “a construção do autoconhecimento abre caminho para que as crianças se posicionem no mundo de forma ativa, crítica e responsável” (Vaz de Macêdo, Andrade, 2015, p. 269), o que melhora sua autoimagem e a resolução de conflitos internos.

Ressalta-se que são diversos os projetos sociais desenvolvidos na comunidade por intermédio da Escola de Samba, mas isso será tratado nos itens a seguir, sob um caráter político. Cabe-nos aqui, em um âmbito individual, evidenciar o caráter emancipador

da cultura local, ao conferir renda, autorreconhecimento, autoestima, valorização social e formação identitária.

Assim, por meio da cultura, crianças puderam se reposicionar no espaço em que estavam inseridas, se reconhecer como agentes responsáveis por mudanças, por sua vida e seu sucesso. A cultura iluminou caminhos até então obscuros de oportunidades profissionais, ampliando horizontes. Fez com que o indivíduo se reconhecesse e se valorizasse enquanto pessoa, se sentisse pertencente à comunidade e vislumbrasse sua importância para o desenvolvimento dela, de modo a conferir “protagonismo social”, “empoderamento” e “autonomia” (Lopes, 2019).

De fato, é certo que, em um cenário de constante opressão, de exclusão e segregação pela região de moradia, a cultura viabilizou uma mudança estrutural, de autoimagem, de potência, individual e enquanto pertencente a um grupo, ao inserir-se no contexto da cidade como usufruidor de todas as suas oportunidades.

Quando falamos do desfile de carnaval em si e não apenas dos projetos sociais desenvolvidos a partir da Escola de Samba, vemos também que o carnaval influenciou a formação da identidade do próprio cidadão mangueirense, o que é essencial analisarmos nesse âmbito individual do papel da cultura.

Trazemos como exemplo a fala de Suluca, da ala das baianas, de 81 anos, citada por Ficheira (2010, p. 12): “São 81 anos de Mangueira, desfile na Mangueira de baiana desde os 7 anos de idade. Minha mãe arrumava todo mundo pra desfilar na Mangueira. É uma emoção muito grande (..) Mangueira é minha vida. (Depoimento de Suluca, em outubro de 2008).”.

O fato de ela participar da ala das Baianas da Mangueira mudou a vida da entrevistada, sua identidade, autoconfiança - o que influenciou a maneira de estar e se colocar no mundo, de se autorreconhecer.

Sobre identidade, trazemos os ensinamentos de Vaz e Andrade (2010, p. 11):

A identidade está vinculada à referência ou reconhecimento de algo no qual a pessoa realiza a identificação, como nome, filiação ou impressão digital. Refere-se à semelhança, permanência, reconhecimento, algo que pré-existe à pessoa, que provém da sociedade, confere à pessoa um lugar na estrutura social e define sua pertença a um grupo. A identidade constitui o referencial propiciador do conceito e da imagem de si.

Verifica-se, pois, que, para a constituição da identidade, a cultura possui papel primordial, de modo que é possível constatar uma relação entre identidade pessoal e identidade cultural (Vaz; Andrade, 2010), tendo o samba papel de destaque, ao fazer com que essa identidade cultural gere sentimento de pertencimento ao espaço social em que se encontram (Nogueira; Santos, 2018).

Em que pese esse item se refira ao âmbito individual, certo é que todos, ou a grande maioria, ainda que de forma individual, desenvolveram autoestima e autorreconhecimento por meio do samba, seja pelo seu valor econômico, como Libânio propôs, ou por conferir representatividade, voz e identidade, o que não foi mencionado pela autora, preliminarmente.

Desse modo, a autoestima e o autorreconhecimento, em âmbito individual, acarretaram uma autoestima coletiva, vez que a comunidade em si passou a ser reconhecida. Essa possibilidade de autonarrar, a partir da cultura, culminou em uma maior estima social

e autorrespeito, principalmente por se reconhecer na “coletividade o status social de conhecedores da arte de sambar” (Santos, 2015, p. 26).

Nesse íterim, mister citar a importância de alguns membros da comunidade, essenciais na capacidade de autonarrar-se, em especial o Cartola, que teve como projeto de vida a busca por reconhecimento dos moradores da Mangueira, por meio da cultura popular, o samba (Santos, 2015).

Podemos afirmar, de forma audaciosa, então, que a autoestima não decorre apenas dos recursos auferidos, mas por serem escutados e reconhecidos. Reconhecidos como inseridos na cidade. Como cidadãos capazes, que merecem respeito, que produzem algo de qualidade.

A mudança interna, inicialmente proporcionada pela cultura, mudou a forma como o cidadão se vê no mundo, alterando, por sua vez, toda a comunidade.

4.2. Capital Social

A segunda categoria, capital social, refere-se aos laços de reciprocidade e solidariedade dentro de uma mesma comunidade, bem como, entre classes sociais diversas, ao fomentar o seu diálogo, o que potencializa o desenvolvimento da comunidade e da sociedade como um todo.

No seu primeiro aspecto, na criação de laços dentro de uma mesma comunidade, verificamos que a apropriação do território da Mangueira, desde o princípio, teve como principal elemento de interação o samba.

Antes da criação da Escola de Samba, os blocos da comunidade disputavam entre si. Todavia, com sua criação, houve uma maior coesão dos moradores, fortalecendo seus

laços sociais, o que permitiu a elaboração de uma identidade coletiva (Santos, 2017).

Com a Escola, todos os moradores passaram a ter os mesmos objetivos e uma identidade comum (Santos, 2017). De tal modo, a sociabilização dos moradores do morro foi fomentada pelos desfiles de carnaval e pelo samba (Costa, 2003).

Os laços de vizinhança foram estreitados e se entremeavam com os espaços no Morro da Mangueira, vez que o samba estava em todos os locais, botecos, terreiros e esquinas, e em todas as gerações, crianças, adultos e idosos. Esses laços eram exaltados nas próprias letras dos sambas, em especial as relações de solidariedade, amizade, em contraposição à “cidade formal”, o que era motivo de orgulho para seus membros (Passos, 2008).

A Escola de Samba, instituição integradora, possui um relevante papel no desenvolvimento comunitário, ao fomentar “hábitos de cooperação, solidariedade e espírito público” (Costa, 2003, p. 159), o que gera senso de compartilhamento, pertencimento (Libânio, 2019) e vínculo efetivo com o próprio espaço, gerando uma sensação de bem-estar e pertencimento.

Moradores da comunidade relatavam seu orgulho de pertencer à comunidade da Mangueira, não simplesmente por habitar naquele local, mas por pertencer a um grupo social tão rico culturalmente (Macêdo, Andrade, 2015).

Por ser fomentada no local uma produção cultural tão diversa e criativa, os próprios membros da comunidade conferiam um sentido especial ao local onde viviam (Macêdo, Andrade, 2015).

Nesse sentido, ressalta Zaluar (1985) que a Escola de Samba é uma das organizações

mais criativas e conscientes que cria laços sociais e de vizinhança.

Acrescentam Nogueira e Santos (2018, p. 58) “Mais que uma manifestação artística, o legado do samba constrói a interconexão entre as estruturas sociais, laços afetivos, identidades, autoestima e heranças culturais de suas comunidades afrodescendentes de origem”.

O fortalecimento dos laços de solidariedade e o reconhecimento mútuo dos membros de uma mesma comunidade, por meio do samba, proporcionaram que essa mesma manifestação cultural fosse elemento integrador da comunidade mangueirense com outros espaços da cidade (Santos, 2015).

Destarte, é importante afirmar, que inicialmente buscavam o reconhecimento entre os seus pares, dentro de uma mesma comunidade, intentaram, na sequência, a visibilidade de suas manifestações culturais com os demais grupos sociais, relacionando-se com os demais *loci* da urbe (Santos, 2015).

Assim, quando partimos para o segundo aspecto do capital social, como diálogo entre classes sociais diversas, constatamos que o samba e o carnaval, por propiciar espaços de múltiplas manifestações, permitiram que a realidade da comunidade fosse levada ao restante da cidade e, até mesmo, do país (Costa, 2003).

Desde seus primórdios, com a criação da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e abertura para os demais setores da sociedade, permitiu-se que diferentes setores da sociedade pudessem conviver e dialogar sem preconceitos, por intermédio dessa convergência cultural (Passos, 2008).

Além de desenvolver uma cultura cívica dentro da própria comunidade, o carnaval e o samba propiciaram a inter-relação entre

diferentes classes da cidade, fomentando o diálogo com artistas, intelectuais e turistas de outros estados e países (Costa, 2003). De tal modo, o samba pode ser entendido como um mediador simbólico (Santos, 2015), sendo o principal elemento de integração da comunidade com o 'asfalto' (Macêdo, Andrade, 2015).

Destarte, é importante afirmar que tanto a insegurança fundiária rural quanto a leniência das instituições estatais em relação à população, após a abolição da escravatura, contribuíram para um êxodo rural desordenado que comprometeu a regularidade da ocupação urbana (Martins, 2023, p. 25), o que pode explicar a ocupação do próprio Rio de Janeiro, bem como o seu desenvolvimento cultural nas comunidades.

O samba externalizado no carnaval é manifestação cultural daqueles socialmente excluídos, em busca de seu reconhecimento e de seu direito de apropriação do espaço urbano. A partir dele, foi criado o reconhecimento de diferentes classes sociais, o que favoreceu a aproximação delas (Santos, 2015).

Santos (2017, p. 28) exemplifica esse estreitamento de laços por meio do compositor Cartola:

A partir disso, os laços de amizade construídos por iniciativa do compositor Cartola, um de seus fundadores, com outros sambistas de classe média, criou uma rede de relações no qual o reconhecimento mútuo, baseado em valores compartilhados de ideias oportunizou o olhar para o Morro da Mangueira.

O samba, com todos os seus desdobramentos, buscou o reconhecimento, em especial, do povo afrodescendente, visando à interação com as demais classes sociais e oportunidades da cidade, o que é

muito bem expressado no samba Sala de Recepção⁶ de Cartola (Santos, 2015).

A comunicação, por meio do samba, intentava o desenvolvimento de relações sociais igualitárias dentro da cidade do Rio de Janeiro (Santos, 2015). Padeirinho, um importante sambista da comunidade, buscou, por meio dos seus sambas, levar o linguajar da comunidade para as demais classes que não eram familiarizadas com a cultura da favela, ao facilitar o diálogo, a compreensão e o reconhecimento, de modo a aproximar os 'dois mundos' (Barbosa, 2012), ao inverter as relações sociais, nas quais analfabetos se tornavam educadores, como símbolo de resistência (Patel, 2016).

O reconhecimento construiu conexões com grupos de outras classes sociais de condições mais abastadas (Santos, 2015).

Isso é muito bem evidenciado por Santos (2017, p. 32):

A busca por reconhecimento do sambista do Morro da Mangueira, assim, acontece em constante diálogo com a classe letrada do asfalto. Há, nesse sentido a alteração da segregação espacial, os sujeitos da classe média rompem com pré-conceitos e se direcionam as favelas e aos bairros periféricos para o encontro com a genuína cultura carioca. Nesse sentido, o morro também é portador de um conhecimento, isto é, a busca da inserção histórica do grupo excluído socialmente, num diálogo em circunstâncias de igualdade.

Reforça Nogueira (Confira..., 2017), neta de Zica e Cartola, que a cultura, em especial pela sua vivência no Morro da Mangueira, viabilizou o "diálogo entre as diferenças, entre

⁶ Habitada por gente simples e tão pobre/ Que só tem o sol que a todos cobre/Como podes, mangueira, cantar? /Pois então saiba que não /desejamos mais nada /A noite, a lua prateada/ Silenciosa, ouve as nossas canções/ Tem lá no alto um cruzeiro/ Onde fazemos nossas orações E temos orgulho de ser /os primeiros campeões.

as diversidades de saberes, práticas, manifestações, linguagens”.

Assim, a Escola estreitou laços da comunidade da Mangueira com o restante da urbe, com reconhecimento e respeito por fazer parte da história do próprio samba.

4.3. Agência

Muito mais que fomentadora de colaboração social, a própria escola demonstra seu caráter de agência nesta terceira categoria, substituindo associações, sindicatos ou, até mesmo, o Estado, ao menos, no imaginário dos membros da comunidade.

A cultura vista como agência fica evidenciada pelo poder político da Escola de Samba, que mobilizou o Estado e segmentos da sociedade, como empresas civis, para o desenvolvimento da comunidade e implementação de infraestrutura, melhorando a qualidade de vida dos moradores do Morro da Mangueira (Costa, 2003). De tal modo, a Escola de Samba pode ser considerada uma das primeiras organizações legais dos habitantes das comunidades (Queiroz, 1992).

Nessa senda, Costa Pinto (1998, p. 224) as conceitua como “associações populares especificamente recreativas e tradicionalmente ligadas ao negro, que foram, senão no sentido político, ao menos no sentido sociológico, a matriz original do que neste país se chama povo”, tendo funções muito além do Carnaval, por possuir ação política importantíssima para o desenvolvimento da comunidade.

Desde seus primórdios, a escola e a cultura influenciaram as ações políticas locais. A primeira escola pública em favelas foi fruto de reivindicações de moradores do morro,

ligados com o movimento cultural (Passos, 2008).

A agência dos moradores também é constatada com a criação, em 1930, do jornal “A Voz do Morro” (Passos, 2008, p. 38), conforme trechos do seu editorial:

[...] Há de lhe causar dúvidas que estas páginas hajam descido os caminhos íngremes do morro da Mangueira ao lado dos sambas que ela canta entusiasmada [...] Mas a sua identidade se estabelecerá de pronto, pois que elas não lhe falarão dos sambas dedilhado sem pianos caros, mas só, só e unicamente do samba pobre e espontâneo que ecoa no barracão como hino fácil (apud Silva; Barbosa, 2005).

Vislumbra-se, assim, a potência do samba como agente político e como afirmação da própria comunidade, trazendo benefícios para todos, não só da comunidade, como do país.

Além da escola pública e do jornal local, inúmeros outros projetos sociais foram implementados na comunidade, em decorrência da força política da cultura, por intermédio da Escola de Samba. A Estação Primeira, com sua agência, passou a encaminhar as demandas sociais aos setores responsáveis e buscou angariar recursos para seu financiamento, sendo uma incontestante promotora de políticas sociais (Costa, 2011).

Com o decorrer dos anos, o número de projetos sociais teve grande incremento e agregou os demais setores da sociedade. Costa (2003, p. 160) ressaltou isso com precisão em sua obra:

Em 1988 havia 03 projetos sociais com apenas 02 empresas privadas parceiras. Em 1999, o Programa passou a ter 16 projetos sociais com a parceria de 24 empresas privadas. O Programa Social da Mangueira em 2001, passou a contar com 47 parcerias: 27 empresas privadas, 3 universidades privadas; 7 órgãos públicos e 10

relacionados à organização da sociedade civil, como ONGs, associações, sindicatos, entidades de classe e instituições filantrópicas.

Primeiramente, a Escola de Samba, por meio do Programa Social da Mangueira, criado em 1987, desenvolveu projetos direcionados à comunidade da Mangueira e vizinhas nas mais diversas áreas: saúde, desporto, lazer, cultura, formação profissional e assistência jurídica e social (Costa, 2003).

Na área de desporto, integrou o Programa Social da Mangueira o Projeto Olímpico, que visou ao desenvolvimento de atividades esportivas dentro da comunidade, a fim de estimular a integração social e oferecer oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Em paralelo foi criado o projeto cultural “Mangueira do Amanhã” e o Projeto Saúde. Na sequência, foram desenvolvidos o Projeto Olímpico 2, com o Projeto Educação, Projeto Resgate da Cidadania e Projeto Saúde, com auxílio do Poder Público municipal, estadual e federal (Programa..., 2006).

Esse projeto social é considerado modelo por atender à população da favela e dos bairros carentes de programas sociais e por ter agência de ir à busca de recursos para atingir suas metas (Rezende, 2002).

De tal modo, a Escola de Samba fomentou lutas sociais e manifestações políticas, no intuito de melhorar as condições de vida dos moradores da comunidade (Santos, 2015).

No setor da cultura, existem os projetos ‘Mangueira do Amanhã’ e ‘Dançando para não dançar’, com oficinas de dança e música. Já, no âmbito da educação, foram criados a Escola Tia Neuma, o Santa Mônica Centro Educacional, o Ciep Nação Mangueirense Governador Leonel de Moura Brizola e a UniverCidade (Ornel, Henning, 2020).

Ressalta-se, entretanto, que não apenas a Escola de Samba desenvolveu ações políticas, mas o próprio samba desvela esse papel.

As letras dos sambas são manifestações políticas. Podemos citar Zé Ketí, com o samba *Opinião* (1964) e Paulinho da viola e Hermínio Bello de Carvalho, com o samba *Sei lá Mangueira* (1968), que buscaram mostrar a favela sob a visão de seus moradores, da poesia, alegria e beleza, contrariando a visão de políticos da época, de que favela era sinônimo de problemas sociais, e buscavam, então, sua remoção, com um cunho moral e higiênico (Passos, 2008).

Desse modo, Vianna (2007 p. 13) asseverava que “O samba é o porta voz, a fala e o instrumento de convívio e luta das camadas populares”. Assim, como luta, ele desvelou o seu papel de agência, de ação, que possibilitou mudanças na estrutura da cidade.

Por intermédio do samba foi possível exercer críticas às elites da época (Almeida, 2013) e buscar negociar seu espaço no bojo da cidade, de modo que, após a fase da perseguição do samba, as negociações identitárias, ainda que pontualmente, surtiram efeito, vez que passaram a ser autorizadas.

Com o samba, ‘excluídos sociais’ conseguiram afirmar sua identidade e cidadania e impor seu espaço dentro da cidade, espaço de honra e respeito. O samba mostrou-se como porta-voz dessas reivindicações por direitos (Grüne, 2012).

Nesse mesmo sentido, reforça Nogueira (Confira..., 2017), neta de Zica e Cartola, que, ao acompanhar seus avós, pode deslumbrar o poder da poesia e do samba e a força da voz e liderança das mulheres por meio da cultura. E, assim, sem saber, estava recebendo importantes lições de luta, práticas,

pertencimento, saberes e tudo mais do que é cultura em seu mais amplo sentido.

Cartola buscou desenvolver nas crianças e adolescentes o contato com a vida cultural da cidade, haja vista seu poder político e emancipador. Em sua homenagem, em 2001, foi criado o Centro Cultural Cartola (CCC), sobre o qual já falamos acima.

Vaz e Andrade (2010, p. 3) reforçam o caráter político de resistência dessa organização cultural: “A maneira como as relações na Mangueira são estabelecidas, de forma a reforçarem a produção de uma cultura plural, criativa e de resistência aos processos de massificação e totalização, permite ao mangueirense conceber um sentido específico para o local”.

De fato, verifica-se fundamental que os jovens da comunidade tenham acesso à memória de seu passado e cultura, convolvendo-se em agentes ativos de seu futuro (Vaz; Andrade, 2010) e possuam agência para autoafirmarem-se e apropriarem-se das oportunidades conferidas pela cidade.

Ademais, as letras do samba perpassaram pelo ensino jurídico, como direito ao meio ambiente, famílias, indígenas, homossexuais, dentre outros, que investigam e polemizam tantos temas (Grüne, 2017).

Por meio do samba, membros da comunidade têm ciência de seus direitos e, a partir disso, começam a agir e reivindicar seu espaço na sociedade (Grüne, 2017).

4.4 Resiliência

Enquanto resiliência, a cultura desvela a função de construir uma sociedade mais sustentável e com menos exclusão social.

Pode-se entender Cidades Resilientes, conforme The City Fix Brasil, canal da World

Resources Institute (WRI), instituição especializada em pesquisas na área, aquelas “capazes de recuperar e adaptar rapidamente ao enfrentar eventos adversos, sejam eles problemas sociais – desemprego, violência, déficit de moradia – ou desastres naturais – furacões, tsunamis e inundações” (Pacheco, 2014).

A inserção da cultura como pilar para desenvolvimento de uma cidade sustentável retornou aos debates em 2000, em especial na Agenda 21 (Libânio, 2019).

Então, o guia “Como construir cidades mais resilientes”, das Nações Unidas, elenca um rol de quesitos para a formação de uma cidade resiliente, dentre eles, a preservação de bens patrimoniais e culturais locais (Cidades..., 2019).

Ainda, consta no documento Habitat III, formulado pela Organização das Nações Unidas, que a diversidade cultural enriquece a humanidade e contribui para a formação de cidades sustentáveis, ao empoderar os cidadãos para atuarem ativamente nas iniciativas de desenvolvimento (ONU, 2016).

A valorização e promoção da coexistência pacífica da diversidade cultural dentro da sociedade, com tolerância, compreensão, coesão, diálogo, respeito, ensejam cidades resilientes e desenvolvem centros urbanos sustentáveis (ONU, 2016).

E certamente nisso o local para moradia é algo extremamente importante para o desenvolvimento da cultura, pois se denota de tal maneira que a moradia é algo mais importante do que um simples local voltado à salvaguarda de alguém. A moradia simples, porém digna, é pressuposto fático do exercício de outros direitos fundamentais (Martins, 2023, p. 50).

De tal modo, resta clara a inter-relação entre a formação de cidades resilientes e a preservação do patrimônio cultural, em especial para o enfrentamento de problemas sociais. Segundo Libânio (2019, p. 17-18) a “cultura configura-se como ação autogestionária e potente, que em sua própria realização ensina a construção coletiva, a resistência e a luta por direitos [...] uma maneira de se posicionar frente à exploração, à violação de direitos e à segregação.”.

Verificamos, no cenário urbano carioca, o constante estado de insegurança. O samba, o carnaval e o desenvolvimento de projetos sociais na Mangueira enfrentam tal cenário e retiram muitos jovens da criminalidade.

Sobre o assunto, afirmam Ornel e Henning (2020, p. 16207) que “Mudam vidas, incentivam vocações artísticas e profissionais, muitas vezes contribuindo para o distanciamento de jovens do mundo do crime e das drogas”.

Ademais, as organizações oriundas da Escola de Samba, criadas no processo de redemocratização, como vimos acima, também buscaram combater a violência e a fragmentação social da cidade, ao dar novas oportunidades e horizontes para os jovens da periferia (Lopes, 2019), de modo a tornar uma cidade mais inclusiva e sustentável.

A participação nesses projetos sociais como um todo acarreta o afastamento dos menores da criminalidade, diminuindo, por consequência, a criminalidade na cidade. Ademais, é requisito para participação dos projetos a regular frequência na escola, o que incrementa os índices de escolaridade da comunidade (Rezende, 2002).

O afastamento dos jovens de uma realidade hostil favorece a construção de uma

cidadania plena, com a garantia da saúde de toda a coletividade (Rezende, 2002).

Aliado a isso, o Carnaval proporciona a criação de diversos empregos, costureiras, ritmistas, designer, dentre tantos outros, como bem indicado na seção capital cultural, o que implica a capacidade da cidade em lidar com a questão do desemprego.

Desse modo, a cultura dialoga diretamente com os problemas da cidade e permite o enfrentamento de muitos deles, eliminando sentimento de exclusão, ao promover o oposto: pertencimento e inclusão (Confira..., 2017).

Quando se fala em inclusão social, vislumbramos que os sambistas, desde os anos 1930, buscavam romper paradigmas por meio do samba, em especial em uma cidade profundamente hierarquizada e segregada (Santos, 2015).

Diante dessa segregação, a cultura une. Veja no samba. Ricos e pobres interagem por meio de uma manifestação em comum, como visto na seção sobre capital social. Ademais, torna a cidade mais sustentável, dando, muitas vezes, como nas ações sociais citadas acima, luz, direcionamento, desejo de crescimento para muitas crianças e adolescentes, prevenindo, pois, contra a violência e morte de jovens, em especial pobres e pretos (Confira..., 2017).

Acrescenta Rezende e Brusadin (2015, s/p):

Ao analisar todo o contexto de perseguição aos sambistas nos primórdios da história deste estilo musical, por possuírem origem negra, e se disseminarem inicialmente nos morros e periferias das cidades e constituindo em sua maioria população de baixa renda, pode-se traçar um paralelo e considerar que a busca pela inclusão social das escolas de samba atualmente é, na verdade, uma continuidade da busca pela

inclusão social e cidadania do povo pobre e do próprio samba: tendo este superado o preconceito e conquistado destaque no cenário cultural, as escolas de samba lutam agora para que seus protagonistas façam valer sua cultura, arte e estilo de vida e alcance a inclusão na sociedade.

Elas transformaram a posição do sujeito em seu contexto social, ao desenvolver valores éticos e conferir melhores condições de vida e bem-estar para a cidade como um todo (Vaz; Andrade, 2010).

No que concerne especificamente ao CCC, a formação de uma rede de referências propiciou que jovens exercessem sua cidadania por meio da cultura e aprendessem a ser resilientes, responsáveis e confiantes (Vaz; Andrade, 2010).

Buscou-se valorizar as memórias e histórias do morro, fortalecendo o sentimento de pertencimento, ao ressignificar o fato de ser morador da Mangueira, o que ensejou uma atuação social mais consciente, sensível, responsável e crítica (Vaz; Andrade, 2010).

A cultura fomentou o respeito às diferenças ao conferir espaço de sociabilidade entre os opostos (Confira..., 2017). O capital social ensejou, deste modo, resiliência da cidade, tornando-a mais saudável.

O samba mobilizou sociedades e instituições, não podendo ser entendido apenas como gênero musical, por conectar pessoas estranhas em redes de sociabilidade e criar relações de reciprocidade dentro de uma comunidade e cidade, concretizando ações políticas (Rezende, 2002) e tornando a cidade mais inclusiva.

As Escolas de Samba circulam nas favelas estreitando laços sociais, as quais podem ser denominadas o 'quarto setor', ou seja, uma

dádiva moderna. Sobre elas leciona Rezende (2002, p. 12):

As escolas de samba, associações originárias dessas redes que se formam em torno do samba, foram plenamente aceitas, incorporaram-se à vida da cidade promovendo rodas de samba, atividades de lazer (jogos de futebol, almoços comunitários, bailes e festas), promoveram ações sociais no campo da saúde, educação, cultura e preparação para o trabalho. Com seu trabalho social, pretendem responder às demandas sociais das comunidades em que estão inseridas.

Quando se adentra no samba, especificamente, verifica-se que sua passagem de proibido a símbolo nacional fez com que barreiras sociais fossem derrubadas, diminuindo a dicotomia centro-periferia. Assim, uma cidade verdadeiramente democrática somente é construída ao proporcionar a todos seus habitantes a oportunidade de vivenciar toda sua diversidade cultural (Confira..., 2017). Aqui falamos especificamente do samba, mas a cultura, nas suas múltiplas manifestações, compõe uma cidade verdadeiramente democrática e inclusiva.

O samba, enquanto transformador e aglutinador da sociedade, propiciou que setores sociais marginalizados enfrentassem a exclusão social e conseguissem incluir-se na cidade com dignidade e reconhecimento por sua força, história e cultura, a qual passou a ter centralidade nacional (Santos, 2018).

A cultura, então, não deve ser vista apenas como mera geradora de renda e especulação financeira (capital cultural), mas especialmente pelo capital social que produz, pela criação de laços e diálogo, o que viabiliza o desenvolvimento de ações políticas e a construção de uma cidade resiliente com elos

fortes, devendo, pois, ser prioridade dos governos, por ensejar o “empoderamento, inclusão social, educação e saúde” (Confira..., 2017), ficando muito claro que a resiliência engloba todas as categorias anteriores.

Na luta pelo direito à cidade, os sambistas conseguiram fazer-se ouvidos, em especial pelo fortalecimento de suas Escolas, e conseguiram usufruir cada vez mais das oportunidades e espaços da cidade, transformando áreas públicas em territórios do samba (Almeida, 2013).

O samba desvela a identidade de uma classe, sendo sua própria voz, a qual se fez ouvida pelos demais integrantes da sociedade (Almeida, 2013).

As letras dos sambas, em muitos casos, trazem consigo uma luta pela inclusão social, para pôr fim à segregação, tornando uma cidade mais sustentável (Silva, 2010).

O samba da Escola de Samba da Mangueira, levado aos desfiles no ano de 1988, por exemplo, proporcionou que o ouvinte se inserisse na realidade cotidiana dos pretos, ao compreender sua relação de emprego, habitação, escolaridade, saúde, o que trouxe à tona temas importantíssimos sobre a ilusão da liberdade de pretos e pardos, ressignificando o momento da abolição da escravatura (Silva, 2010).

Desse modo, o samba permitiu que os próprios pretos – grande maioria da comunidade mangueirense - falassem de si, de sua história, e afirmassem os valores culturais afrodescentes. Assim, além de resiliência, a cultura, no caso o samba, mostrou-se como resistência (Silva, 2010).

De tal maneira, a resistência do samba reflete a própria resistência do preto, ambas estão imbricadas. Foi por meio do samba, da religiosidade, que o preto conseguiu resistir e

cultivar suas histórias e cultura raiz (Silva, 2010).

A luta do preto contra a repressão do samba também demonstra sua resistência histórica dentro da cidade, que busca espaços de reconhecimento e inclusão. Ao mesmo tempo, o samba dava-lhe energia para continuar sua luta contra a opressão (Silva, 2010).

Até os dias atuais, os sambas-enredos trazem consigo temas polêmicos, sobretudo a partir de 2010 (A Ousadia..., 2020), ao assumir uma posição política, em especial com temas afros, e resistir às tentativas de ‘branqueamento’ do Brasil (Silva, 2010).

No que concerne à representatividade feminina, o samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira, em 2015, tratou dos direitos das mulheres e da sua busca por igualdade de gênero com a homenagem a figuras femininas que fizeram a diferença na comunidade, mulheres a frente de seu tempo e que impuseram respeito a todas as demais. Não só em homenagens, mas as mulheres na Escola sempre tiveram representatividade e espaço, ao frequentar todos os setores da agremiação (Ornel; Henning, 2020).

Os sambas-enredos podem ser entendidos, por si sós, como elemento da cultura popular, tomados como contradiscurso, contra-hegemônico, em especial por trazerem a realidade de minorias (pretos, mulheres, índios, dentre outros) contando histórias a partir de seu ponto de vista, tendo a resistência sua principal característica (Silva, 2010), o que se reflete na busca pela representatividade, reconhecimento, dignidade e inclusão.

Quando são trazidas à tona tais temáticas, por óbvio que acabam por aproximar setores sociais diversos. O fim da segregação dá-se,

preliminarmente, pelo conhecimento da realidade e história alheia, o que gera empatia e reconhecimento por ela, gerando a diminuição com as polaridades dentro da cidade.

O preto, com auxílio do branco, conseguiu inverter o papel do samba. De reprimido para símbolo nacional, o samba mostrou-se como importante mediador entre diferentes classes, invertendo a ordem social. Já a Mangueira mostrou-se como a guardiã do samba tradicional, de modo que toda a sociedade depositou nela confiança. Esse valor de vínculo, e não de troca, que fortalece os laços de uma sociedade como um todo (Rezende, 2002). Uma sociedade mais inclusiva é uma sociedade mais sustentável.

Assim, a comunidade da Mangueira, por meio do samba/carnaval, pode ser vista como local de criação e adaptação, desvelando toda sua potência em reinventar as relações dentro da cidade e torná-la mais resiliente.

5. Considerações Finais

O Morro da Mangueira resistiu e resiste: recursos precários, repressão policial e agora atuação do tráfico e facções criminosas (Vaz; Andrade, 2010), mas suas manifestações culturais nunca desapareceram. Ele continua sendo o berço do samba, com tamanha criatividade e resiliência de um povo que persiste na luta incessante da cultura.

Quando se retoma o objetivo de pesquisa: analisar, na realidade do Morro da Mangueira, os papéis da cultura trazidos na obra de Libânio (2019), verifica-se que a Escola de Samba se mostrou, de forma direta, como fonte de recurso para inúmeros membros da comunidade e, indireta, para a comunidade como um todo, por atrair investimentos da iniciativa privada e do governo, sob a

condução da Escola, conferindo novas oportunidades aos moradores da comunidade, o que desvela a importância da cultura como fator de desenvolvimento socioeconômico.

Nesse primeiro papel da cultura, no âmbito individual, pode-se acrescentar que, mais que autoestima e autorreconhecimento, por meio de recursos, a cultura permite que desenvolva a identidade e sentimento de pertencimento de toda uma comunidade, potência, expansão e protagonismo, indo muito além de valor patrimonial ou mesmo econômico.

Ainda, é fomentadora do desenvolvimento de laços de solidariedade entre membros da própria comunidade, que permite a construção de redes de colaboração (Costa, 2003), gerando senso de compartilhamento e pertencimento. Ela também cria vínculos entre diferentes nichos da sociedade, que propicia, por sua vez, o diálogo e a resolução de muitos problemas sociais oriundos da segregação.

Como agência, o próprio samba é o porta-voz do convívio e lutas da comunidade da Mangueira. Por meio do samba, foi possível fazer críticas às estruturas sociais e reivindicar seu espaço dentro da cidade.

Além disso, a Escola de Samba, com sua atuação política, por meio da cultura, fez com que diversos projetos sociais fossem implementados na comunidade, projetos esses de esporte, lazer, educação, dentre outros, o que incrementou os equipamentos públicos e qualidade de vida no local.

Por fim, no seu quarto papel, a cultura, ao conferir educação, renda, laços e empoderamento, contribuiu para a formação de uma sociedade mais sustentável e

resiliente, ao combater problemas sociais como a criminalidade e o desemprego.

No caso da Mangueira, os projetos sociais nela desenvolvidos a partir de uma manifestação cultural deixaram claro o poder emancipador da cultura, capaz de modificar os sonhos e futuros. Eles conferiram luz, direcionamento, desejo de crescimento para muitas crianças e adolescentes, prevenindo, pois, contra a violência e criminalidade, o que acabou por reinventar a própria cidade.

Ademais, a exigência de frequência no colégio traz à baila a importância de a educação correr junto da cultura nesse processo de formação de uma cidade resiliente.

Acrescenta-se, ao final, que o samba permite uma participação dos cidadãos na democracia, bem como a modificação de valores, comportamentos (Grüne, 2012) e da própria realidade da comunidade e da cidade, ao romper paradigmas de uma urbe segregada e trazer à tona temas que dão representatividade a uma minoria.

O fim da segregação dá-se, preliminarmente, pelo conhecimento da realidade alheia, o que gera empatia e reconhecimento por ela. Quando se concede espaço às diferenças, e as valorizamos, há desenvolvimento de uma cidade inclusiva.

Na luta pelo direito à cidade e acesso aos seus espaços, o samba proporcionou que o sambista usufrísse as áreas públicas, transformando-as em territórios do samba.

O samba e o carnaval geraram esperança e visibilidade de um futuro melhor para os moradores da comunidade da Mangueira, que são capazes de reinventar as relações dentro da cidade, onde o morro passa a ser visto como local de criação e adaptação.

De tal forma, os fundadores da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira jamais imaginariam que ela não seria apenas uma escola de samba, mas sim agente transformadora de toda uma comunidade, responsável pela emancipação e inclusão social, sendo fator de recurso, ponte, ação e resiliência, como sugere a figura abaixo:

Figura 2 - Efetivo Direito à Cidade através da Cultura



Fonte: Libânio, 2019.

Prima facie, permite-se constatar, então, a importância da cultura para a emancipação de determinada comunidade, para sua representatividade e desenvolvimento.

Uma instituição cultural fez com que a comunidade tivesse expressão política. Por meio de seus sambas e versos, o morro teve voz. A valorização da cultura local, da minoria contra-hegemônica, mostra-se essencial para garantir a representatividade de determinada localidade.

Destarte, utilizou-se como objeto de estudo o Morro e a Escola da Mangueira, onde o papel da cultura se mostra bem evidenciado. Mas são inúmeros outros exemplos, nos quais isso é possível se constatar.

Vislumbrar a riqueza da diversidade e fomentá-la deve ser função de qualquer representante público. Nesse vértice, pode-se afirmar que a sociedade é plural, e essa é a riqueza de um povo. Quando se consegue enxergar e valorizar isso, inúmeros problemas sociais – criminalidade,

desemprego, desvalorização, estigmas sociais, etc. - poderão ser sanados com a construção de uma cidade resiliente sustentável, por meio de políticas públicas voltadas à cultura local.

Defender uma forma de pensar única retira todas as cores, sabores e belezas de viver na cidade. Por isso, faz-se mister reconhecer toda a potência criativa e cultural oriunda das favelas e periferias e conferir o aporte político, social e financeiro necessários, afastando-a do discurso consolidado de que é fonte apenas de violência e carência, no intuito de se efetivar o direito à cidade, ao conferir protagonismo pleno e buscar reduzir as vulnerabilidades e segregação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Selma Capinan de. **Rio de Janeiro: nos trilhos da cidade e do samba**. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

A OUSADIA da clássica Mangueira. In: Guia Maravilha. Disponível em: <https://diariodoporto.com.br/guiamaravilha/mangueira/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BARBOSA, Jorge Luiz. A favela na política cultural do Rio de Janeiro. In: CALABRE, L.; LIMA, D. R. (Orgs.). *Políticas Culturais: conjunturas e territorialidades*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e Observatório Itaú Cultural, p. 107-119, 2017.

CIDADES RESILIENTES E SUSTENTÁVEIS. Cuiabá, MT: Sebrae, 2019. Disponível em: <http://sustentabilidade.sebrae.com.br/Sustentabilidade/Para%20sua%20empresa/Publica>

[%C3%A7%C3%B5es/CAR_Cidades_port_digital.pdf](#). Acesso em: 15 jul. 2023.

CONFIRA aqui o discurso da secretária Nilcemar Nogueira durante o ato solene. Secretaria Municipal de Cultura – SMC. Rio de Janeiro, 05 jan. 2017. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=6651942>. Acesso em: 5 jul. 2023.

COSTA, Maria Alice Nunes. Samba e Solidariedade: Capital Social e Parcerias na Favela da Mangueira. In: **Biblioteca Digital de la Iniciativa Interamericana de Capital Social, Ética y Desarrollo** - www.iadb.org/etica. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/monografias/mariaalice.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

COSTA, Maria Alice Nunes. Sinergia e Capital Social na Construção de Políticas Sociais: A Favela da Mangueira no Rio de Janeiro. In: *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 21, p. 147-163, nov. 2003.

COSTA PINTO, L. A. **O Negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba, Identidade Nacional e o Direito à Cidade. In **REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES**, v. XVI, n. 418, 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-418/sn-418-47.htm>. Acesso em: 05 jul. 2023.

FICHEIRA, Carolina Marques Henriques. O Folião Mangueirense: consumo e o público da Mangueira. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Enecult, VI,

2010, Salvador, *Anais...* Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24607.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GRÜNE, Carmela. **“O Carnaval vai muito além do pão e circo”**: Entrevista com Carmela Grüne. Sul 21, Porto Alegre, 2017. Entrevista concedida a Fernanda Canofre.

GRÜNE, Carmela. O dia em que o Direito caiu no Samba. In: GRÜNE, Carmela (org.). **Samba no pé & direito na cabeça**. São Paulo: Saraiva, 2012.

HISTÓRIA do morro. 2017. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/historiamorro>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LEFEBVRE, Henri. Le droit à la ville. In: **L Homme et la société**, n. 6, pp. 29-35, 1967.

LIBÂNIO, Clarice de Assis. **Favelas e periferias metropolitanas**: exclusão, resistência, cultura e potência. 1ª ed. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016.

LIBÂNIO, Clarice de Assis. Os papéis da cultura nas metrópoles contemporâneas. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, **Anais do XVIII ENANPUR**, Natal: Anpur, 2019.

LOPES, Juliana. Uma Paisagem Urbana Contemporânea: os coletivos de cultura jovens. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Enecult, XV, 2019, Salvador, **Anais...** Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submis>

[sao/Upload-484/112106.pdf](http://www.enecult.ufba.br/modulos/submis/sao/Upload-484/112106.pdf). Acesso em: 05 jul. 2023.

MACÊDO, Cibele Mariano Vaz de; ANDRADE, Regina Gloria Nunes. Mangueira: a cultura comunitária e o Centro Cultural Cartola. In: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, p. 260-271, São João del-Rei, julho/dezembro 2015.

MARTINS, Robson. **REURB**: Como a Execução Fiscal contribuiu para a Justiça de Tramandaí-RS regularizar imóveis. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

NASCIMENTO, Erica Peçanha do. **É Tudo Nosso!** Produção Cultural na Periferia Paulistana. 2011. 213 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2011.

NOGUEIRA, Nilcemar; SANTOS, Desirree dos Reis. (Re)conhecendo patrimônios: o papel social do Museu do Samba. In: **e-cadernos CES**. 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/3782>. Acesso em: 05 jul. 2023.

OLIVEIRA, José Luiz de. Pequena História do Carnaval Carioca: de suas origens aos dias atuais. In **Encontros**, ano 10, n. 18, p. 61-85, 2012.

ORNEL, Aline Lourenço de; HENNING, Ana Clara Correa. A promoção do direito social à educação decolonial pela escola de samba beija flor de Nilópolis no desfile de 2018: Crítica literária e social. In: **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p.16196-16214, mar. 2020.

PACHECO, Priscila. **As 50 Cidades mais Resilientes no mundo**. In: The City Fix Brasil. 2014. Disponível em:

<http://www.thecityfixbrasil.org/2014/05/13/as-50-cidades-mais-resilientes-do-mundo/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PASSOS, Flora d'El Rei Lopes. **Morro da Mangueira: O samba como (trans) formador de favela**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

PATEL, Gitanjali, **A Linguagem da Favela Parte 3: Expressões Culturais**. 2016. Disponível em:

<https://rioonwatch.org.br/?p=19293>. Acesso em: 05 jul. 2023.

PROGRAMA social da Mangueira. In: Fundação Perseu Abramo. 19 mai. 2006. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/2006/05/19/programa-social-da-mangueira/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: O vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROCHA, Adair. Para pensar a produção de arte e cultura nas áreas “pacificadas” do Rio de Janeiro. In: **Polêmica**, v. 11, n. 1, p. 10-14, 2012.

REZENDE, Maria Alice. A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa: considerações sobre política social de uma escola de samba do Rio de Janeiro. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, XIII, 2002, Ouro Preto, **Anais...** Disponível em:

<http://academiadosamba.com.br/monografias/rezende.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

REZENDE, José Geraldo de; BRUSADIN, Leandro Benedini. A responsabilidade social das escolas de samba brasileiras e sua ação na comunidade paulistana. In: **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 30, oct-dec, 2015.

Disponível em:

<http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/04/samba.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SANTOS, Adalberto Silva. **Tradições populares e resistências culturais: políticas públicas em perspectiva comparada**. 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos. Carnaval e administração pública: o papel dos governos locais na configuração das festas. In **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 61- 74, nov. 2010.

SANTOS, Jorge Paulo Pereira dos. O Samba como Mediação Pacífica: o Morro da Mangueira e a busca por reconhecimento. In: **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 23 - 36, 2017.

SILVA, Ageirton dos Santos. **Samba e negritude: práticas discursivas identitárias negras em sambas de enredo de temática africana**. 2011. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVA, Marília Trindade Barbosa da. Negro em roda de samba: herança africana na música popular brasileira. In: **Revista Tempo**

Brasileiro. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 105 – 118, 1988.

UNESCO e Ministério da Cultura. **Convenção Para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris, 2003.

VAZ, Cibele Mariano; ANDRADE, Regina Gloria Nunes. **Identidade cultural e tradição oral na Ação Griô no Centro Cultural Cartola-Mangueira/RJ.** In: Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política, X, 2010, Recife, Anais... Disponível em:
https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270385023_ARQUIVO_Trabalho_Completo_Historia_Oral_Cibele_Vaz.pdf. Acesso em: 05 jul. 2023.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**, 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta.** São Paulo: Brasiliense, 1985.